

“O quadro é de ajuste ortodoxo”

“Ficamos um plano a la FMI sin recurrir a él.” Esta frase, feita por um economista da equipe de governo de um país latino-americano, foi citada ontem pelo diretor da Faculdade de Economia da USP e presidente da Ordem dos Economistas do Estado de São Paulo, Roberto Macedo, para ilustrar a atual situação da economia brasileira. Segundo Macedo, embora a equipe do governo brasileiro não tenha adotado um plano de ajustes com medidas ortodoxas, a economia está entrando em fase de recessão e “desconfio que este possa ser o objetivo do próprio governo”.

De acordo com o presidente da Ordem dos Economistas, quatro indicadores disponíveis apontam para o rumo da recessão: a queda dos salários, a volta dos ativos financeiros com a consequente redução do consumo e dos investimentos, a restrição das importações e o panorama de incerteza no setor empresarial quanto à política econômica do governo, à questão do endividamento externo etc. Este quadro, acrescentou Roberto Macedo, aproxima-se bastante de um plano de ajustes ortodoxo, faltando para completá-lo apenas uma medida de ajuste cambial, já que tal tipo de correção de rumo teria em vista resolver o problema externo. Ou seja, o objetivo



Roberto Macedo

principal seria reduzir o consumo interno, para gerar um superávit na balança comercial capaz de fazer frente aos compromissos da dívida, explicou o economista.

Roberto Macedo apontou entre as medidas que compõem um plano ortodoxo várias que já estão ocorrendo no Brasil: juros altos, redução no consumo interno, aumento de impos-

tos e elevação de tarifas. Se houver diminuição significativa no consumo, afirmou, a desvalorização da moeda torna-se desnecessária para estimular a exportação.

Afirmando lamentar que o governo não reconheça esta situação e passe a administrar a economia adotando as medidas complementares necessárias, o economista advertiu para a possibilidade de a recessão se aprofundar. Neste caso, salientou, além de o País não tirar benefício da situação firmando um acordo com os credores externos, o custo social poderá ser mais elevado que deveria.

Ao manifestar sua opinião de que a única solução para o descompasso da economia brasileira é a adoção de um programa de ajustes com medidas rígidas, Roberto Macedo justificou sua opinião afirmando que o sonho do Cruzado, de combater a inflação por meio do crescimento, morreu em meados do ano passado, quando o governo perdeu a oportunidade de fazer as correções necessárias e evitar a perda do superávit comercial. “Agora, mesmo que se pretenda promover novo boom de consumo, não seria possível, porque o Brasil não tem estoque para garantir a produção e não tem divisas para promover as importações necessárias”, frisou.